

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Sheine Garcez Maciel

(RE) PENSANDO A ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

JOÃO PESSOA-PB
2016

Sheine Garcez Maciel

**(RE) PENSANDO A ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia do Centro de
Educação (CE) da Universidade Federal da Paraíba como
exigência parcial para a obtenção da Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Esp. Isolda Ayres Viana Ramos

JOÃO PESSOA-PB
2016

M152r Maciel, Sheine Garcez.

(Re)pensando a atuação docente no ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental / Sheine Garcez Maciel.– João Pessoa: UFPB, 2016.

41f. ; il.

Orientadora: Isolda Ayres Viana Ramos
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Práticas pedagógicas. 2. Geografia - ensino. 3. Ensino fundamental. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37(043.2)

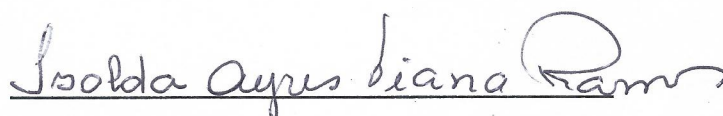
Sheine Garcez Maciel

**(RE) PENSANDO A ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia do Centro de
Educação (CE) da Universidade Federal da Paraíba como
exigência parcial para a obtenção da Licenciatura em
Pedagogia.

Aprovada em: 30/11 / 2016.

Banca Examinadora



Profª. Esp. Isolda Ayres Viana Ramos – UFPB

Orientadora

Profª Drª Maria Claurênia Abreu de A. Silveira - UFPB

Examinadora

Profª Drª Márcia Rique Carício - UFPB

Examinadora

Dedico primeiramente a Deus.

Dedico a minha família,
Por todo apoio e compreensão durante esses anos de curso.

“Mantenha seus pensamentos positivos, porque seus pensamentos tornam-se suas palavras. Mantenha suas palavras positivas, porque suas palavras tornam-se suas atitudes. Mantenha suas atitudes positivas, porque suas atitudes tornam-se seus hábitos. Mantenha seus hábitos positivos, porque seus hábitos tornam-se seus valores. Mantenha seus valores positivos, porque seus valores... Tornam-se seu destino.”

(Mahatma Gandhi)

RESUMO

MACIEL, Sheine Garcez. **(Re) Pensando a atuação docente no ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Orientado pela Prof^a. Esp. Isolda Ayres Viana Ramos. João Pessoa: UFPB, 2016. Monografia (Graduação em Pedagogia).

Este trabalho tem por objetivo de analisar as práticas pedagógicas no ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ressaltando os recursos que favorecem para uma aprendizagem significativa. É necessário salientar que essa fase inicial se encontra no processo de alfabetização, no qual a prioridade consiste na leitura e na escrita. Diante disso, é primordial descobrir como a Geografia pode contribuir para aquisição desse conhecimento. Visa também à importância do professor como mediador e realizador de aulas mais dinâmicas, utilizando de novas ferramentas que auxiliam o aluno a uma melhor compreensão do mundo no qual está inserido. A fundamentação para a realização deste trabalho foi feita através de um levantamento bibliográfico de autores e trabalhos acadêmicos que abordam estratégias que auxiliam no processo de ensino/aprendizagem. Faz parte do processo deste trabalho uma pesquisa realizada com 10 (dez) professores dos anos iniciais da rede pública municipal. Neste sentido, busca elementos que permitam a compreensão deste cenário, no que tange a novos paradigmas educacionais, campo que tem por escopo o estudo do querer aprender/querer fazer/querer mudar e lança a reflexão sobre a didática como ferramenta para melhoria do processo educacional.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. Ensino de Geografia. Anos iniciais.

ABSTRACT

MACIEL, Sheine Garcez. **(Re) Thinking about teaching performance in the teaching of Geography in the initial years of the Elementary Education**. Tutored by the Prof. Isolda Ayres Viana Ramos. João Pessoa: UFPB, 2016. Monograph (Pedagogy Graduation).

This work aims and analyze pedagogical practices in the teaching of Geography in the initial years of Elementary Education, highlighting the resources that favor meaningful learning. It is necessary to point out that this initial phase is in the literacy process, where the priority is reading and writing. Given this, it is essential to discover how Geography can contribute to the acquisition of this knowledge. It also aims at the importance of the teacher as mediator and director of more dynamic classes, using new tools that help the student to better understand the world in which it is inserted. The basis for this work was made through a bibliographical survey of authors and academic papers that discuss strategies that assist in the teaching / learning process. Part of the process of this work is a research done with 10 (ten) teachers from the initial years of the municipal public network. In this sense, search for elements that allow the understanding of this scenario, regarding new educational paradigms, a field that has the scope of the study of wanting to learn / want to do / want to change and launches reflection on didactics as a tool to improve the educational process.

Key words: Pedagogical practices. Geography teaching. Early years.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Depreciação do ensino de Geografia.....	30
Gráfico 2- Recursos que favorecem a aprendizagem do ensino de Geografia.....	31
Gráfico 3- Utilização dos recursos utilizados em sala de aula no ensino de Geografia.....	33
Gráfico 4- Atividades extraclasse utilizadas no ensino de Geografia.....	34
Gráfico 5- Instrumento de avaliação no ensino de Geografia.....	35
Gráfico 6- Interdisciplinaridade no ensino de Geografia.....	36

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A FORMAÇÃO DOCENTE E SEUS SABERES.....	11
2.1 O PEDAGÓGICO NA GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.....	12
2.2 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	14
2.3 OS INSTRUMENTOS MEDIADORES DA APRENDIZAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	16
2.4 A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	19
2.5 O PROCESSO AVALIATIVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	20
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
3.1 LOCAL DA PESQUISA.....	24
3.2 SUJEITO DA PESQUISA.....	26
3.3 QUESTÕES DA PESQUISA: RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
4 CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICES.....	40

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho vem buscar uma reflexão sobre o papel do professor no ensino de Geografia na escola de rede pública, em especial nos anos iniciais do Ensino Fundamental, processo este em que ocorre a alfabetização dos alunos. Enfatizando a importância do uso dos recursos metodológicos como ajuda no processo de ensino-aprendizagem.

A didática está presente há muitos anos na história da humanidade, haja vista o homem sempre esteve na ação de aprender e de ensinar. Porém, com relação às instituições de ensino, se faz presente há pouco mais de dois séculos. Partindo de uma perspectiva histórica, alguns filósofos observavam que os homens poderiam receber uma educação voltada para uma educação moral, cultural e social. Essa educação formal consiste em um método reprodutivo, ou seja, conserva o que já existe. Contudo, com as mudanças que ocorriam em torno da evolução do homem, constatou-se que o mesmo era capaz de pensar e agir de acordo com a realidade que vive e, conseqüentemente, promover modificações na educação formal, ocorrendo assim novas concepções e novos valores. Desse modo, a educação que era vista como transmissora de conteúdo passou a oferecer outro tipo de prática mais atrativa e voltada para as transformações da realidade.

De forma geral, era o que ocorria no ensino de Geografia antigamente. Com o passar do tempo, a prática docente passou por mudanças e trouxe com ela avanços e mecanismos para uma melhor aplicação da aula, uma vez que antes o docente apenas dava sua aula utilizando-se dos recursos básicos de escrita e do método oral. Atualmente há uma diversidade de fontes materiais para auxiliar o processo de aprendizagem.

No entanto, tal quadro educacional no ensino da Geografia não se modificou completamente. Isso nos leva a questionar e repensar a prática docente no ensino da matéria em comento, propondo o uso de mais recursos como contribuição da aprendizagem. Isso, portanto, nos leva a crer que, para que ocorra essa mudança, os professores precisam estar preparados de forma adequada, razoável e com uma formação sólida para que sua prática possa propiciar uma aprendizagem significativa.

Os recursos didáticos são de suma importância no processo de ensino-aprendizagem, tanto para os professores, como também, para os alunos. Ele se faz relevante porque contribui

na compreensão e assimilação do estudante diante do novo conhecimento, principalmente nos anos iniciais, onde o foco é a alfabetização. A introdução de uma nova disciplina, no caso da Geografia, é vista com bons olhos na utilização desses instrumentos para facilitar a aquisição do conteúdo.

Portanto, o trabalho pretende analisar a prática do professor no ensino de Geografia e quais os recursos didáticos disponíveis que podem contribuir no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. Uma das estratégias para subsidiar o trabalho se deu através de uma pesquisa fundamental ao estudo do tema proposto que consistiu em um questionário semiestruturado desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Helder Câmara, localizado no bairro do Valentina Figueiredo, na cidade de João Pessoa. Nesta pesquisa ocorreram várias visitas com o intuito de conhecer o cenário escolar e também realizar o questionário com 10 (dez) professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental no turno da manhã.

Diante do exposto, a construção e a sistematização neste trabalho são em torno do profissional da educação que atua na sala de aula: o professor. A partir dessa premissa faremos uma análise sobre a sua formação como docente e seus saberes técnicos e práticos, e como essa prática pedagógica ocorre no ensino de Geografia ensejando a devida significância no processo de aprendizagem. Faz-se imprescindível exigir, também, uma breve relação ao disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino de Geografia. Para tanto identificaremos os instrumentos mediadores que auxiliam na aprendizagem e como ocorrem a interdisciplinaridade e os processos avaliativos na disciplina de Geografia. Por fim, o último tópico consiste em apresentar a pesquisa de campo, elencando os sujeitos que compõem a relação escolar e os seus papéis, com o objetivo de proporcionar uma melhor reflexão acerca da temática.

2 A FORMAÇÃO DOCENTE E SEUS SABERES

Ao se falar na prática pedagógica do professor no sistema educacional é primordial abordarmos questões relacionadas à sua formação inicial, uma vez que sua experiência profissional é de acordo com os exemplos, os processos e as estratégias vividas na universidade. Essa formação, segundo Nóvoa (1995) vincula-se em três aspectos: os relacionados à ciência da educação, à metodologia e por último aos conteúdos escolares. Com relação ao primeiro aspecto, este se baseia nas aptidões dirigidas à prática. Podemos reafirmar com a Resolução (BRASIL, 2006) que evidencia a docência, decretando o seguinte:

Art. 2º As Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. § 1º Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo (BRASIL, 2006, p. 11).

Como podemos ver, o curso de Pedagogia é direcionado às atividades técnicas, ou seja, como planejar, organizar e efetuar uma aula com total eficiência. A resolução ressalta ainda mais o descompromisso acerca do conhecimento intelectual quando atribui à formação docente somente a instrução de como ensinar. Outra deficiência suscitada diz respeito ao seguimento da área que o pedagogo pode ocupar, com a tendência de associá-lo quando este só atua em sala de aula, deixando de lado os outros campos de atuação profissional, como o empresarial, o hospitalar e o social.

A metodologia como o segundo aspecto na formação do docente é uma forma de oferecer método capaz de produzir formas de aprendizagem. Erroneamente, consiste, a priori, numa receita preparada para aprender como ensinar, ou seja, algo previamente preparado e que enseja um passo a passo mais bem estabelecido, ordenado. Além disso, essas técnicas ou modos de ensinar compõem a cultura escolar que, segundo Julia, consiste em

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p.10)

Como podemos perceber as práticas educativas sempre têm uma intencionalidade e podem ser relacionadas a diversos temas, dependendo do contexto. A meu ver, aprender a “ensinar” só é possível com a participação e a interação de outros professores no ambiente escolar. Até porque é no interior de cada escola que as normas e condutas a serem seguidas no exercício da função são definidas. Portanto, para saber lidar com o cotidiano escolar é preciso ocorrer modificação na formação com períodos mais prolongados através de estágios, haja vista que os mesmos são de curto prazo e não têm um aprofundamento que enseja essa relação maior da teoria com a prática. Diante deste processo, como consequência, percebe-se a ocorrência de estágios superficiais e sem nenhum caráter qualitativo. É na prática que se aprende e não através de receitas pré-estabelecidas.

O terceiro aspecto é relacionado aos conteúdos das mais diversas disciplinas que estão presentes nas escolas. E o professor tem que estar apto a transmitir esses conteúdos que não são esmiuçados na formação e que, por muitas vezes, acabam tendo base livros didáticos e/ou apostilas. Portanto, esse outro apontamento na deficiência na formação é um agravante e gera uma reflexão acerca da atuação do professor, uma vez que prejudica diretamente os alunos.

No momento que nos deparamos, na universidade, com essas disciplinas, pensamos logo: como mediar esse conhecimento na prática? Como dinamizá-los para os alunos? Como romper com a formação tradicional?

Portanto, os cursos de formação de docentes têm que oferecer um equilíbrio destes três eixos para interligar a teoria com a prática. Neste viés, para haver um avanço educacional é preciso que o professor, além de se apropriar de um conjunto de pressupostos para sua prática, tenha o domínio de diversos conteúdos, num espaço pedagógico dinâmico e em constante movimento, além de articular os demais saberes: curricular, pedagógico, disciplinar e o da experiência.

2.1 O PEDAGÓGICO NA GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

O aprendizado escolar sempre remete ao objetivo de quem ensina e como ensina e, dentro desse parâmetro, o ensino de Geografia por muito tempo tem sido tratada de forma tradicionalista, descritiva e fragmentada. Ou seja, com pouca importância no currículo escolar

e caracterizada pela especificação de dados geográficos, espaços fracionado se descontextualizados com o espaço que o educando vive. Diante disso, é patente o questionamento: será que neste processo de aprendizado a ação didática tomou rumos diferentes? E qual a visão dos professores nos anos iniciais do fundamental diante do ensino de Geografia?

Com passar do tempo a Geografia foi se fortalecendo no ambiente escolar, tornando-se algo significativo na aprendizagem do aluno. Porém, ainda falta muito para ela ser, de fato, considerada um componente conceituado no currículo escolar, haja vista que a estrutura do sistema educacional parte das instituições governamentais e que, de certa forma, deixa explícito o conceito de educação e a qualidade do ensino. A proposta desse trabalho não é apontar culpados e sim repensar a atuação do professor diante desta disciplina tão importante.

A prática metodológica do professor atualmente visa o aluno como elemento participativo e integrador no espaço geográfico. Consiste, portanto, em algo ainda mais desafiador, uma vez que com o processo do mundo em constante transformação, esse tende a ter sempre uma renovação na forma de como o profissional ensinará este mesmo mundo em constante evolução aos seus alunos. O professor deve saber separar os problemas pessoais ou até mesmo os oriundos do ambiente escolar, para dar sentido ao seu papel, pois dependerá do seu entusiasmo em educar. Partindo desse princípio consideramos uma aprendizagem significativa aquela que o aluno estabeleça um esquema de conhecimentos prévios com os novos e não se baseando apenas em decorar o assunto. Para tanto “o currículo deve expressar princípios e objetivos da ação educativa: que tipo de pessoa e de sociedade se deseja formar”. (FONSECA, 2014, p.17) A estrutura escolar tem que acompanhar o ritmo desse movimento para romper de vez com o ensino tradicional e também com o profissional tradicionalista. E o profissional, por sua vez, deve ter autonomia na forma de como de portará diante deste processo de aprendizagem, promovendo uma forma mais dinâmica possível para interagir com o aprendiz.

Ressaltando para uma disposição e concepções teórico-metodológicas capazes de consentir numa aprendizagem significativa. É necessário que esse mecanismo seja processado, o aluno precisar ter conhecimento prévio do conteúdo. Diante disso, o ensino da geografia contribui, e muito, para uma melhor aprendizagem, pois o ensino desta disciplina demanda vários aspectos não só teóricos, mas também metodológicos que permitem o docente desenvolver um rico processo de ensino-aprendizagem, e permite, também, uma ligação com

o cotidiano dos alunos. O professor como mediador deve contribuir com suas concepções educacionais e conhecimento acerca do ensino de Geografia para buscar as melhores formas de atuar e facilitar a compreensão do aprendiz, fazendo assim a diferença. Para Rego (2000, p. 8) "o conhecimento geográfico produzido na escola pode ser o explicitamente do diálogo entre a interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço geográfico que os condiciona". Portanto, uma inversão nos processos metodológicos de ensino é fundamental para o trabalho pedagógico ser mais interessante.

Essa atuação remete a vários artifícios, e um deles é articular e criar situações-problemas para debater o senso comum com o conhecimento científico, não apenas contribuindo com a memorização de conteúdo, mas sim criando situações para desenvolver no aluno o senso crítico a partir do conhecimento geográfico. Pontuschka (2000, p.41) relata “se o professor não sabe pesquisar, ele não é capaz de orientar os alunos na direção da descoberta, da investigação”. Portanto, a intervenção docente está estritamente interligada com a formação inicial e também com a grade curricular, permitindo uma melhoria no ensino.

2.2 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

É relevante salientar que “os Parâmetros Curriculares Nacionais apoiam-se em normas legais e procuram contribuir na busca de respostas a problemas identificados no ensino fundamental [...]” (BRASIL, 2001, p. 49). Neste modo, ensinar Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental significa algo um tanto desafiador, pois entra em choque com concepções de educação limitadas, uma visão que consiste no fato de que o aluno deve primeiramente aprender a ler, escrever e saber as operações matemáticas. Para tanto, Pimenta nos relata bem esse contexto escolar

A escola se caracteriza como um caldeirão de culturas em efervescência: a cultura científica (conhecimentos de matemática, da história, das artes, da geografia, das ciências, do movimento do corpo, da língua portuguesa); a acadêmica (formação e o modo de ser dos profissionais que nela atuam); a pedagógica (o currículo, as formas de organizar as turmas); o horário; as metodologias; as avaliações; as formas de administrar e controlar; as relações de poder; a social (formas de sentir, ver e pensar); os valores, as crenças das classes sociais das quais os alunos e os profissionais se originam; a cultura do mundo infantil e dos jovens; a cultura das mídias. Essas culturas carregadas de valores, tradições, expectativas, projetos e intenções divergentes, conflitivos compõem a cultura da escola... . Qualquer proposta que não considerar esse movimento está fadada ao fracasso, porque corre o risco de ser meramente burocrática. (PIMENTA, 2008, p.14)

Esses fracassos podem fazer referência a Geografia tradicional, que se dava de forma descontextualizada, fragmentadas e tratando com negligência a relação do indivíduo com o meio. E a proposta que a Geografia traz é de renovação, principalmente quando rompe com a visão tradicionalista, na qual os conteúdos são fragmentados. Mesmo nos primeiros anos que contém a Geografia na grade curricular, esta vem com um entendimento diferenciado acerca do mundo e favorece a formação do cidadão. Na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o espaço tem que estar relacionado com a realidade do aluno e também com uma diversidade cultural e social. A respeito do ensino de Geografia o PCN (1997, p.74) traz o entendimento de que “estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem”. Vemos também que a Geografia favorece o processo de tornar o aluno crítico e com capacidade de ler e compreender o mundo que o cerca. Nesta seara, O PCN ainda reafirma dizendo que o

documento de Geografia propõe um trabalho pedagógico que visa à ampliação das capacidades dos alunos, do ensino fundamental, de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos. (PCN, 2001, p.19).

Na primeira fase do ensino fundamental espera-se que os alunos tenham noções de identificar, preservar, conservar, reconhecer e comparar diferenças e semelhanças com diversos temas que a Geografia propõe para esse primeiro ciclo. Neste viés, os PCN tem por objetivo que no final desses anos os alunos sejam capazes:

- Reconhecer, na paisagem local e no lugar em que se encontram inseridos, as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social;
- Conhecer e comparar a presença da natureza, expressa na paisagem local, com as manifestações da natureza presentes em outras paisagens;
- Reconhecer semelhanças e diferenças nos modos que diferentes grupos sociais se apropriam da natureza e a transformam, identificando suas determinações nas relações de trabalho, nos hábitos cotidianos, nas formas de se expressar e no lazer;
- Conhecer e começar a utilizar fontes de informação escritas e imagéticas utilizando, para tanto, alguns procedimentos básicos;
- Saber utilizar a observação e a descrição na leitura direta ou indireta da paisagem, sobretudo por meio de ilustrações e da linguagem oral;
- Reconhecer, no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia e representar os lugares onde vivem e se relacionam;
- Reconhecer a importância de uma atitude responsável de cuidado com o meio em que vivem, evitando o desperdício e percebendo os cuidados que se deve ter na preservação e na manutenção da natureza. (PCN, 1997, p. 89)

E traz questões dos ambientes natural e social relacionando-os com as preocupações em diferentes épocas e aborda o aspecto humano, cultural, social, político e gnosiológico. Manifestando assim o papel da Geografia e sua importância no espaço escolar para formação do cidadão.

Independentemente da perspectiva geográfica, ensinar Geografia contribui e influência para um olhar mais crítico e refletivo do cidadão e a escola, por sua vez, tem um papel fundamental para auxiliar e criar ocasiões que favoreçam a compreensão do aluno. Por esse motivo Oliveira afirma que “cabe à Geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza”. (OLIVEIRA, 2003, p.142)

2.3 OS INSTRUMENTOS MEDIADORES DA APREDIZAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O professor como mediador do conhecimento necessita utilizar de todos os mecanismos possíveis e imaginários para facilitar a aprendizagem. E quando falamos nos instrumentos mediadores da aprendizagem de Geografia, precisamos identificar algumas preocupações pertinentes acerca deste processo. Não seria prudente, diante deste entendimento, que o profissional se utilizasse apenas de um único recurso/fonte de informação, pondo em xeque a qualidade da aplicação do conhecimento. O que é de se preocupar bastante, haja vista que muitos apresentam erros e são escolhidos na rede pública de forma aleatória sem o conhecimento do professor. Dessa forma é recomendável que os professores analisem os materiais adotados e complementem-nos sempre que necessário. Essas complementações de materiais podem e devem existir no cotidiano em sala de aula, no entanto é preciso utilizar corretamente, visando o aspecto educacional. A título de exemplo, podemos mencionar revistas e jornais que são instrumentos que favorecem uma vasta produção didática. Principalmente na Geografia, matéria que aborda assuntos e acontecimentos que fazem parte da vida do aluno, o conteúdo tem uma variedade de gravuras que ajudam o aluno a conhecer o universo que o cerca. Outro recurso que tem a mesma função, no entanto ainda é mais atrativo, é o uso de: computadores, Datashow, projetores de slide e vídeos especializados. É importante que o ensino de Geografia seja contextualizado e que seja criterioso na escolha desses recursos.

Segundo o parecer de Demo (1998. p.45) “A finalidade específica de todo material didático é abrir a cabeça, provocar a criatividade, mostrar pistas em termos de argumentação e raciocínio, instigar ao questionamento e à reconstrução”. Como estratégia para usar a maquete em sala de aula no conteúdo para diferenciar as zonas urbana e rural, por exemplo, os livros trazem definições e conceitos estabelecidos e até vem com algumas ilustrações mostrando as diferenças em relação as paisagens, os alimentos, os tipos de moradias e etc. O interessante mesmo seria trabalhar com esse conteúdo através de maquetes, usando material simples como caixa de sapatos, onde cada uma represente a zona rural e a outra zona urbana e durante a explicação os alunos introdução quais as moradias presente em cada zona.

Neste sentido a construção, ou até mesmo a disposição do docente, é imprescindível para tornar as aulas de Geografia mais instigantes. Sobre essa temática, Silva & Mello prelecionam:

(...) o uso de recursos didáticos não devem ser vistos como um posicionamento pedagógico tecnicista, pois esta prática se efetiva enquanto alternativa de apoio ao trabalho teórico-metodológico do professor, contextualizando os conceitos geográficos que, muita das vezes, são abstratos e necessitam de uma “materialização” para que os alunos os compreendam. (SILVA & MELO, 2006, p.3)

A Geografia pode ser complexa para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental por ser algo novo e aborda um vasto conteúdo, porém, como já foi dito, o professor é uma peça fundamental e os artifícios que dispõem para que o aluno compreenda o novo são de suma importância. Esses instrumentos, no ensino de Geografia, não são peças fantasiosas e/ou de difícil acesso, muito pelo contrário. Acerca desse assunto, verifica-se nos PCN (1997, p.78) de Geografia:

A Geografia trabalha com imagens, recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos. Pede uma cartografia conceitual, apoiada numa fusão de múltiplos tempos e numa linguagem específica, que faça da localização e da espacialização uma referência da leitura das paisagens e seus movimentos.

Na escola, assim, fotos comuns, fotos aéreas, filmes, gravuras e vídeos também podem ser utilizados como fontes de informação e de leitura do espaço e da paisagem.

Alguns recursos que favorecem a aprendizagem no ensino de Geografia consistem em jogos e dinâmicas que, por sua vez, são indispensáveis nos anos iniciais. Eles possibilitam um maior desenvolvimento e ainda contribuem com o amadurecimento do aluno, além da relação professor-aluno, promovendo a criatividade e a interação entre eles. Exemplos de jogos no ensino de Geografia são o “Quiz”, que consiste em um jogo de perguntas e respostas, e

o “Jogo da memória” com os estados brasileiros e suas respectivas capitais, dentre outros. Esses citados são jogos de fácil acesso e até mesmo podem ser elaborados em sala de aula.

Segundo Fonseca (2004), “o conhecimento mais aprofundado sobre equipamentos e materiais didáticos torna-se tão indispensável quanto à própria manutenção do espaço escolar e o desenvolvimento de uma consciência técnica, gestora e educadora”. Esses instrumentos facilitadores da aprendizagem podem ser prosaicos: cadeira, lápis, colas, tesouras e outros comumente usados em sala de aula, e ainda dependem do significado que o docente dá para o processo se tornar didático.

Hoje em dia não se pode mais limitar as aulas expositivas, haja vista que os professores têm de recorrer a diversos modos para favorecer a aprendizagem. Vejamos, numa aula que o conteúdo seja conhecer a vegetação da cidade local. Seria mais concebível por meio do livro didático ou por com a utilização de slides com fotografias (fotografadas pelo próprio aluno) das partes da cidade onde apresenta o tipo de vegetação daquele local?

As atividades extraclasse também são uma boa opção, e, logicamente, não podem ser vistas como a única solução, sendo crucial o cuidado na sua execução para que não seja comparada a um passeio. Para isso, é preciso um ótimo planejamento que ligue com o conteúdo visto em sala a uma avaliação para que o aluno possa relatar o que assimilou durante esse percurso. O ambiente e o trajeto da aula podem ser simples, tendo como possibilidades a praça ou rio mais próximo da escola, a biblioteca ou a sala de vídeo da própria escola. Não obstante, o objetivo ainda pode ser a observação do solo, os tipos de vegetação, os profissionais que atuam naquele espaço, etc. Há uma imensa diversidade de opções que podem ser utilizadas na proposta de atividades extraclasse.

Por fim, a utilização dos instrumentos, além de facilitar o processo de aprendizado do aluno, estimula o aluno a expressar sua criatividade, sendo o próprio agente do seu conhecimento. No entanto, a pesar de não ser objeto de aprofundamento neste trabalho, mas é patente de enfoque diante dessa temática, a falta de apoio proveniente de órgãos governamentais em relação aos recursos didáticos disponíveis nas escolas de rede pública é altamente preocupante. Isso repercute na qualidade da educação brasileira como um todo, pois havendo diversas metodologias a serem introduzidas nas escolas, o acesso desses recursos fica restrito devido a muitos obstáculos de uma estrutura precária decorrente das políticas educacionais no Brasil.

2.4 A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Para começar a falar sobre interdisciplinaridade escolar é preciso primeiramente estabelecer um conceito. Para isso iremos citar um dos saberes de Fazenda (2008, p.21) “na interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades habilidades e técnicas visam favorecer sobretudo o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e sua integração”.

Não é apenas a simples junção de duas ou mais disciplinas, o termo é muito mais complexo, haja vista que visa à ação educativa perante o aluno. Fazenda (2008, p.18) preleciona acerca do tema:

cada disciplina precisa ser analisada não apenas no lugar que ocupa ou ocuparia na grade, mas nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram, próprios de seu lócus de cientificidade. Essa cientificidade, então originada das disciplinas, ganha status de interdisciplinar no momento em que obriga o professor a rever suas práticas e a redescobrir seus talentos, no momento em que ao movimento da disciplina seu próprio movimento for incorporado.

A interdisciplinaridade tem que ser encarada como um entrosamento do conceito e do meio que o cerca. Permitindo-se assim questionamentos e aprofundamentos do conhecimento científico. No ensino de Geografia, por exemplo, uma simples pergunta (Quem eu sou?) pode levar o aluno a refletir e procurar os contextos de sua história, de sua cultura e do seu espaço no mundo.

Então, repensar na educação através desse cruzamento entre o ensino de Geografia e as demais disciplinas e, principalmente, nos anos iniciais do Ensino Fundamental é relevante levando em conta o cotidiano do aluno. Sabendo-se que é sempre desafiador ensinar Geografia nesse início, pois o que predomina é a leitura e a escrita da palavra, e no ensino de Geografia o fundamental é que o aprendiz faz a leitura do mundo como um todo. O ideal seria interligar os saberes do docente com o do aluno e tudo ao seu redor. E é nesta fase de alfabetização que seria de valia o alcance da unificação das disciplinas e as ações educativas direcionadas aos eixos temáticos. Em relação ao trabalho interdisciplinar no ensino de Geografia os PCN (1997, p.78) pretendem

o estudo das paisagens, territórios, lugares e regiões, a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação. Mesmo na escola, a relação da Geografia com a Literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura desse (...).

O trabalho de Geografia com Literatura, por exemplo, podemos utilizar a obra coletânea *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato com o propósito de estudar o espaço geográfico. Essa inserção de conteúdos através de obras literárias faz com que os alunos percebam que a Geografia está em toda parte e não precisa da memorização dos conteúdos para aprender. As atividades em torno do livro geram uma ludicidade e que podem ser trabalhadas com interpretações orais e escritas, peças teatrais e trabalhos individuais e coletivos.

Uma aula com o conteúdo sobre os direitos e deveres dos alunos elaborando cartazes com desenhos feitos pelos próprios alunos remete o entendimento melhor. E essa articulação do ensino de Geografia com Arte torna as aulas mais atrativas. Já para os alunos do 5º ano que estudam alguns artistas renomeados, podemos conhecer seus países de origem, dando assim uma volta ao mundo e o mais interessante ainda seria com a utilização do globo terrestre ou com vídeos dos lugares. Os estudos de dados com gráficos para ilustrar os resultados de uma pesquisa é uma boa opção de interligar a Geografia com Matemática.

Lembrando que a interdisciplinaridade não é só juntar as disciplinas, esse fato depende do modo como é executado. E o professor promovendo a interdisciplinaridade em sala de aula ressignifica sua ação educativa.

2.5 O PROCESSO AVALIATIVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O ato de avaliar é algo frequente e acontece em todas as etapas de nossa vida, principalmente no ambiente escolar. Atualmente, ainda não é visto como um processo natural e fácil de lidar pelos alunos, porém é preciso esta avaliação frequente para obter informações tanto do aluno, do ensino e da escola como um todo. Ou seja, a avaliação é imprescindível no que se refere no processo ensino/aprendizagem e deve auxiliar no fazer pedagógico. Segundo Libâneo (2004, p. 196), o conceito de avaliação da aprendizagem é visto como

[...] o componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas.

Neste sentido, a avaliação torna-se não só um mecanismo de avaliação do aluno, mas também como forma de o professor se avaliar e refletir sobre sua prática pedagógica. Ao

contrário da forma tradicionalista, que se refere à avaliação como aplicação de provas para o aluno obter uma nota no final de cada bimestre. Para Luckesi (1998, p. 81) “A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem”.

Esta, por sua vez, pode ser feita de diversas formas e com o uso de diferentes instrumentos (atividades escritas, trabalho de pesquisa, avaliação oral ou exposição oral dos alunos, seminário, observação de comportamento e outros), de acordo com as concepções e os princípios do professor. Um exemplo de instrumento avaliativo é o trabalho escrito, onde o aluno pode expressar seu conhecimento através de papel escrito a mão ou digitalizado, cartazes, slides ou maquetes. Essas possibilidades trás um grande desenvolvimento na aprendizagem, mas também pessoal, pois é onde o aluno expõe tudo o que entendeu sobre determinado assunto e não fica na pressão de decorar o conteúdo.

Falando em processo de avaliação no ensino de Geografia não podemos ficar restrito somente à “decoreba” de conceitos com uma metodologia tradicionalista, na qual o professor expõe as definições e nos exames é cobrado somente o que foi proposto. Um exemplo de instrumento avaliativo é o seminário, onde o aluno pode expressar sua criatividade através de cartazes, slides ou maquetes. E sem falar das possibilidades no desenvolvimento na aprendizagem e também pessoal, pois é onde o aluno expõe tudo o que entendeu sobre determinado assunto e não fica na “decoreba”, favorecendo a interação com o grupo.

Sabemos da importância da aprendizagem dos conceitos para a compreensão do saber geográfico, porém, o professor deve se utilizar de recursos pedagógicos que propiciem uma aprendizagem significativa pro aluno. Por isso leciona Cavalcanti:

As formulações de Vygotsky sobre esse complexo processo de formação de conceitos ajudam os professores a encontrarem caminhos no ensino para cumprir objetivos de desenvolvimento intelectual dos alunos, com a contribuição específica das matérias básicas do currículo escolar, como é o caso da geografia. Com efeito, os conteúdos dessa disciplina têm como um dos eixos de estruturação os desdobramentos de conceitos amplos da ciência a que correspondem, e são encarados como instrumentos para o desenvolvimento dos alunos. (CAVALCANTI, 2005, p. 197)

O docente não deve se limitar em buscar os resultados e sim se preocupar com o processo. E para isso deve sempre refletir sobre sua atuação nas aulas de Geografia tornando suas aulas criativas, dinâmicas e sempre buscando algo inusitado para entusiasmar o aprendiz,

e, assim, fazer com que haja uma melhoria na qualidade de ensino. Para afirmar isso, Nascimento (2005, p. 71) enfatiza que:

a dinamicidade teórico-metodológica da prática educativa do ensino de Geografia tem que ser levada em consideração para que haja sucesso no processo avaliativo. Não há como avaliar por avaliar, sem objetivos precisos sobre o processo de construção de aprendizagens significativas. Se a nossa preocupação é formar o cidadão, há que se oportunizar condições e instrumentos para que os alunos consigam compreender a realidade em que vivem, isto é, aprendam a conhecer o espaço geográfico.

Como já foi dito, são diversos os instrumentos avaliativos que o professor pode se utilizar e não precisar ficar contido a um ou dois recursos e/ou até mesmo no método tradicional no final de cada bimestre, esta avaliação tem e deve ser continua para avaliar o aluno. Sendo indispensável o planejamento, pois, conforme Méndez (2002, p. 16), “avaliar é um exercício transparente que requer critérios, objetivos e equidade”.

Por fim, a avaliação é de suma importância no processo ensino/aprendizagem e na disciplina de Geografia. Tem que haver um comprometimento do professor acerca da utilização do método de avaliar o aluno, haja vista que ainda é vista como uma disciplina de memorização e tem que recorrer aos outros recursos, não ficando restrita à verbalização.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para uma investigação delinearam-se alguns pontos fundamentais para a composição deste trabalho partindo de uma abordagem descritiva quanto ao objeto, ou seja, refletindo a atuação do professor no ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e pretendeu-se levantar inicialmente não só as concepções teóricas sobre o papel do pedagogo e sua formação, como também as experiências concretas realizadas sobre o tema. A pesquisa teve início com um levantamento de materiais bibliográficos e digitais. Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 12)

Só se inicia uma pesquisa se existir uma pergunta, uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa. As razões que levam à realização de uma pesquisa científica podem ser agrupadas em razões intelectuais (desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer) e razões práticas (desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficaz).

Faz-se necessário assinalar que a finalidade dessa pesquisa foi buscar a descrição da realidade a ser estudada para o fim o qual ela representa, buscando entendê-la a partir da percepção daqueles que se envolveram e se envolvem, além do significado que ela adquire para esses indivíduos. Então, esse estudo fundamentou-se ainda no pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se faz e se refaz constantemente. Uma pesquisa que investiga docentes que se encontram em uma determinada realidade, ou seja, instituições de ensino regular, especificamente no início do Ensino Fundamental e que podem revelar múltiplas dimensões. Com este princípio metodológico, o trabalho delineia alguns pontos fundamentais através de uma abordagem descritiva que permite uma maior compreensão da realidade e de uma descrição dos seus pontos mais relevantes. Nesta perspectiva Gerhardt e Silveira (2009, p.35) nos dizem que “são exemplos de pesquisa descritiva: estudos de caso, análise documental, pesquisa, ex-post-facto”.

A pesquisa será desenvolvida por meio deste método, porque o “estudo de caso é uma investigação empírica, um método que abrange tudo – planejamento, técnicas de coleta de dados e análise dos mesmos” (Yin 2005, p.32). Quanto à aplicação do questionário, este processo é de responsabilidade do pesquisador para determinar o tamanho, a natureza e o conteúdo de acordo com o problema pesquisado. Quando ao tipo de pergunta, o questionário será composto por perguntas mistas, definindo assim as alternativas apontadas pelo pesquisador. Para Gerhardt e Silveira (2009, p.70) as questões mistas (fechadas e abertas) são aquelas em que, dentro de uma lista predeterminada, há um item aberto, por exemplo, “outros”.

Sendo assim, a metodologia adotada nesse trabalho tem uma preocupação com o processo enquanto construção de caminhos que serão trilhados em busca do conhecer, reconstruir, pensar, fazer. Para isso, é preciso ter a necessidade de construir caminhos, e não modelos prontos ou receitas que impedem ou destroem o desafio dessa construção. Dessa forma, as pessoas envolvidas neste trabalho não serão objeto, mas sujeitos da pesquisa. Sobre esse tipo de técnica Gerhardt e Silveira (2009, p.69) relatam que é

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado.

Esse tipo de instrumento propicia uma resposta mais precisa e rápida do que é vivido, além de dá liberdade para os sujeitos, uma vez que suas respostas não serão identificadas. Contudo, para atender aos objetivos do estudo, foi realizado um questionário semiestruturado com 02 professoras do 1º ano, 01 do 2º ano, 02 do 3º ano e 01 da aceleração do 3º e 4º ano, 02 do 4º ano e 02 do 5º ano, no total de 10 docentes no turno da manhã. Após a coleta de dados, os mesmos foram organizados e analisados. São as categorias de análise: a importância do ensino de Geografia no desenvolvimento do aluno, a depreciação do ensino no currículo escolar, a definição de quais os recursos e as atividades extraclasse que favorecem a aprendizagem e quais os mais utilizados em sala de aula, e também como se dá o processo avaliativo e se ocorre a interdisciplinaridade com as demais disciplinas.

3.1 LOCAL DA PESQUISA

O estudo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Hélder Câmara, fundada no ano de 2000 pelo prefeito Cícero Lucena e localizada no município de João Pessoa, Paraíba, mais especificamente na Rua Joamir Severino dos Santos, s/n, bairro do Valentina de Figueiredo I.

A instituição disponibiliza o Ensino Fundamental, Ciclo I, II, III e IV e o PROJOVEM. Pela manhã funcionam o Ensino Fundamental do 1º ano ao 5º ano e a sala de aceleração do 3º e 4º ano, no turno da tarde tem mais duas salas do 5º ano e do 6º ao 9º ano, já no turno da noite funcionam apenas o Ciclo I, II, III e IV e o PROJOVEM. A escola fornece alimentação escolar e material didático. A escolha dos gestores da escola se processa por meio

de eleição, ela possui conselho escolar, onde pais de alunos, professores, alunos e funcionários participam.

Sobre os aspectos físicos, a escola dispõe de 13 salas de aula, 01 secretaria, 01 diretoria, 01 sala de coordenação, 01 sala de reuniões, 01 sala de professores, 01 ginásio esportivo, 01 área de recreação, 01 laboratório de ciências e de informática, 08 banheiros, 01 sala de artes, 01 biblioteca, 01 sala de vídeo com condições boas de conservação. Os alunos têm acesso à biblioteca e ao laboratório, que estão em boas condições. Em relação às condições de iluminação e ventilação da escolar, estas não são muito agradáveis.

Falando em aspecto pedagógico, a instituição possui um Projeto Político Pedagógico que está proposto a fortalecer a inclusão social. Ele é desenvolvido continuamente e está dentro dos projetos interdisciplinar-leitura e escrita. A proposta interdisciplinar tem por finalidade promover a inter-relação de seus alunos e disciplinas. Desenvolve projetos envolvendo todas as séries e trabalhando com os sujeitos: “Protagonista”, “Educação de valores”, “Mais Educação”, além dos demais propostos pelas professoras, senão vejamos: Alimentação Saudável, Consciência Negra, Semana de Educação para a Vida, que, por sua vez, abordam ecologia, meio ambiente, educação para o trânsito, sexualidade, prevenção contra doenças transmissíveis, direito do consumidor, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e “bulling”. As dificuldades encontradas são as evasões dos alunos e desinteresses dos pais e dos alunos, além de outro problema de grande relevância enfrentado pela gestão que consiste na violência.

A instituição conta com Notebook, DVD, TV, Livro, Copiadora, Impressora e Internet. Os livros didáticos são os mais utilizados em sala de aula. É oferecido pela escola um atendimento para alunos com dificuldade de aprendizagem, com deficiência e possui proposta de inclusão. Porém, só possui poucas cuidadoras, haja vista que existe uma dificuldade por parte dos demais alunos em obter laudo médico. Há banheiros adaptados.

A escola realiza reuniões de pais e mestres onde apresentam propostas e resultados, dando voz aos pais, professores e direção de forma democrática. Há um foco maior para os pais dos alunos com dificuldades. O planejamento ocorre sempre ao fim do bimestre e com a presença de todos. A comunidade é participativa, tendo várias contribuições. O planejamento das atividades na escola acontece quinzenalmente em horário oposto, feito por série, e grande parte do planejamento se dá através da formação continuada.

A avaliação é aconselhada pela direção a ser feita de forma contínua, no entanto, isto não implica dizer que necessariamente ocorra sempre desta forma, mas é o que predomina no sistema de avaliação. Utiliza-se como instrumentos: provinha Brasil e Olimpíadas de Português e Matemática.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Neste trabalho de pesquisa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Helder Câmara, os sujeitos participantes foram dez professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental no turno da manhã, sendo de diferentes salas de atuação. Por motivo de preservação e segurança não constará o nome de nenhum deles, somente a sua sala de atuação, formação e o tempo de experiência.

O Quadro 1 a seguir, tem o objetivo de oferecer um retrato desse processo.

Quadro 1 – Perfil dos professores, sujeitos da pesquisa.

SALA DE ATUAÇÃO	FORMAÇÃO	TEMPO DE EXPERIÊNCIA
1º ano	Graduação em Pedagogia	17 anos
1º ano	Graduação em Pedagogia	35 anos
2º ano	Graduação em Pedagogia	5 anos
3º ano	Graduação em Pedagogia e Especialização em Direitos humanos e Educação Integral.	4 anos
3º ano	Graduação em Pedagogia	16 anos
Aceleração do 3º e 4º ano	Graduação em Pedagogia. Licenciatura em Biologia/ Zootecnia	17 anos
4º ano	Licenciatura Plena em História	8 anos
4º ano	Graduação em Pedagogia	15 anos
5º ano	Graduação em Pedagogia	2 anos
5º ano	Graduação em Pedagogia e Especialização em Supervisão e Orientação.	26 anos

Fonte: Dados da pesquisa

A seleção dos professores baseou-se na disponibilidade dos docentes, que, por sua vez, foram bastante participativos e se dispuseram a responder todos os quesitos do questionário. O roteiro do questionário buscou outras questões pertinentes que colaboraram para verificação não só dos sujeitos da pesquisa, mas sim de entender a realidade dos sujeitos

da pesquisa, senão registrar a quantidade de alunos em sala de aula, se os alunos dominam a leitura e a escrita e por fim a realidade de alguns alunos com deficiência.

O Quadro2 a seguir, tem o objetivo de retratar o contexto escolar dos sujeitos da pesquisa.

Quadro 2 – O contexto escolar dos sujeitos da pesquisa

SALA DE ATUAÇÃO	QUANTIDADE DE ALUNOS	DOMINA A LEITURA E A ESCRITA	POSSUI ALGUM ALUNO COM DEFICIÊNCIA	QUAL DEFICIÊNCIA
1º ano	25	Não	Sim	Autismo
1º ano	25	Não	Sim	Não relatou
2ºano	33	Não	Sim	Não relatou
3ºano	32	Não	Sim	Autismo
3º ano	27		Sim	Autismo
Aceleração 3º e 4ºano	25	Não	Sim	Distúrbio de comportamento
4º ano	30	Não	Sim	Autismo
4ºano	27	Não	Sim	Dislexia e Distúrbio de aprendizagem e outros.
5ºano	34	Não	Sim	Autismo
5ºano	33	Não	Sim	Não relatou

Fonte: Dados da pesquisa

É importante esta análise a respeito do ambiente escolar desses docentes para compreender melhor os sujeitos da pesquisa, como também o objeto de estudo: a prática docente. E com isso, foi verificado que dos dez professores que responderam o questionário, somente um não tem graduação em Pedagogia e sim em licenciatura plena em História. A respeito desse fato, podemos verificar que mesmo com as reformas na educação, ainda existem professores ativos sem graduação em Pedagogia ou até mesmo sem formação

específica que o qualifique para atuar na sala de aula, comprometendo o sistema educacional do país.

Ao se falar no tempo de experiência de um professor, ou seja, o período exercendo atividade docente em sala de aula, pode-se destacar diversos parâmetros na prática. Estes saberes, por sua vez, não se aprendem em cartilhas ou teorias e sim na prática, no dia-dia na escola com os alunos e outros profissionais da área. Como afirma Pimenta (2002, p.20), “os saberes da experiência são aqueles advindos da história de vida dos docentes, de como obtiveram ao longo de suas vidas o contato com a escola”. Como é possível observar, os sujeitos da pesquisa compõem dois grupos, um de professores com tempo de atuação de menos de dez anos e outros com períodos significativos. No primeiro grupo, com professores abaixo de dez anos de trajetória, percebemos uma maior quantidade de alunos em sala de aula, como por exemplo, o professor do 2º ano com 33 alunos, tendo apenas 05 anos de experiência, o professor do 3º ano tem 32 alunos e a que tem apenas 02 anos de experiência é o que tem o maior número de alunos em sala, com 34 alunos. Já o segundo grupo como mais anos de experiência, como consta na sala do 1º ano, o professor com 35 anos e comum a sala de apenas 25 alunos. Esse tempo de experiência está diretamente relacionado com o fim da atividade docente, uma vez que é na influência da intervenção pedagógica do professor e na sua maneira de se relacionar com os demais professores, alunos e pais que, evidentemente, se cria a sua dinâmica em sala de aula. Quanto maior seu tempo em determinado serviço maior será maior a evolução da aprendizagem, no entanto, isso não consiste em subsídio isolado para podermos subestimar e criticar a competência de um profissional.

Outra observação que podemos acerca fazer desse perfil dos sujeitos é que as salas de atuação são todas referentes ao Ensino Fundamental regular, no entanto, uma que chama atenção é a sala de aceleração do 3º e 4º ano, que tem legalidade, como afirma a Lei de Diretrizes e Bases (LDB):

flexibilidade de aplicação de seus princípios e bases, de acordo com a diversidade de contextos regionais na forma solidária e integrada dos sistemas na execução de uma política educacional coerente com a demanda e os direitos dos alunos e professores. (Parecer CNE/CEB nº 04/98).

Essa organização curricular visa proporcionar ao público alvo da escola a flexibilidade no ensino e favorecer o acesso à escola por parte desses alunos. De acordo com a resolução de 1996, essas salas de aceleração atendem alunos de 11 anos (ou mais) e podem ter no máximo 25 alunos. Percebe-se, portanto, que de fato é o que acontece nesta instituição.

Os professores que responderam as questões do questionário, além de demonstrarem uma diversidade bem diferenciada na quantidade dos alunos, tempo de experiência do professor e números de salas que contempla os anos iniciais do Ensino Fundamental, relataram que todas as salas possuem alunos deficientes, inclusive um grave problema educacional, no qual os alunos entre o 1º ano e os 5º ano não dominam a leitura e nem a escrita. Esse fato é preocupante e lamentável. Diante desse apontamento, as inquietações foram inevitáveis e serviram para reflexão do estudo desse trabalho: Quais os desafios que essa escola passa? Quais as métodos que os professores aplicam? Como o ensino de Geografia pode auxiliar nesse processo de aprendizagem? Qual o papel dos pais, estado e gestores diante dessa realidade?

3.3 QUESTÕES DA PESQUISA: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Hélder Câmara, localizado no bairro do Valentina Figueiredo em João Pessoa-PB, a pesquisa foi realizada através de uma série de questões a fim de compreender a prática docente no ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental e contou com a participação de dez (10) professores. A pesquisa propõe uma reflexão do ambiente escolar em relação à prática, os recursos metodológicos e os instrumentos avaliativos dentro do ensino de Geografia. A priori o questionário foi estruturado para identificar os sujeitos da pesquisa e as perguntas foram baseadas para adquirir informações norteadoras sobre os processos educativos no ensino de Geografia numa escola pública.

Questão 1. Em seu ponto de vista o ensino de Geografia se faz importante no desenvolvimento do aluno?

Dos professores que responderam o questionário foram obtidas respostas que indicaram a importância desta área do conhecimento no desenvolvimento do aluno uma vez que todos assinalaram positivamente. O que pode ser entendido, de acordo com as autoras Rodrigues, Lima, Ferreira e Bento, (2014, p. 5) “esta disciplina nas séries iniciais é de grande valor para se formarem conceitos a cerca de socialização, identidade, lugar, espaço, lateralidade, paisagem, natureza, meio ambiente, entre outros”. Ou seja, essa disciplina não é somente uma forma de assimilar definições e conceitos, ela envolve todos os princípios que favorecem o desenvolvimento humano.

Questão 2. Há uma hipervalorização, do ensino de Português e Matemática, e uma depreciação do ensino de Geografia no currículo escolar?

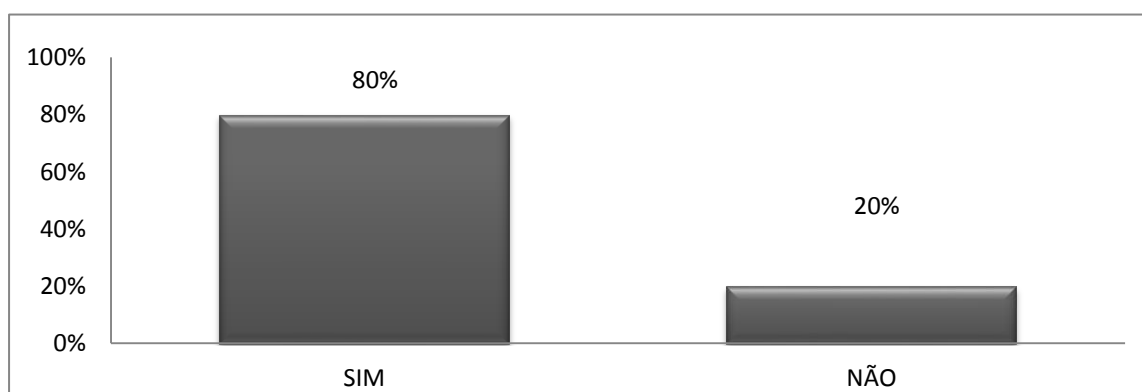
A resposta dos entrevistados para pergunta, dentre os dez que responderam, oito afirmaram que existe a depreciação do ensino de Geografia no currículo escolar e uma valorização escancarada das disciplinas de Português e Matemática. A esse fato podemos analisar o que falamos acima, que a intencionalidade nos anos iniciais seja para que os alunos tenham capacidade para ler, escrever e saber as quatro operações matemáticas. Como Rodrigues et al. (2014, p.4) relata a seguir sobre essa depreciação do ensino de Geografia

Esta disciplina, por diversas vezes é deixada em segundo plano pelas professoras e até mesmo pelo plano de ensino das séries iniciais do ensino básico, este fato se dá por motivo destas docentes estarem mais voltadas para alfabetização de seus alunos e acabarem deixando de lado disciplinas importantíssimas como a geografia e a história, acreditando que estas não contribuem para a leitura e escrita de seus educandos.

Porém, diante dessa pergunta não podemos concluir que os professores praticam esse tipo de depreciação, pois a questão do questionário foi somente para os sujeitos opinarem se acontece esse fato no espaço escolar.

Apresentamos no gráfico 1 abaixo, as respostas dos professores, diante da pergunta sobre a depreciação do ensino de Geografia.

Gráfico 1- Depreciação do ensino de Geografia



Fonte: Dados da pesquisa

Questão 3. Você relaciona o ensino de Geografia com o meio em que está inserido o aluno?

De acordo então com a realidade do aluno, os professores entrevistados responderam com unanimidade que sim. Conforme, as afirmações dos sujeitos essa integração do

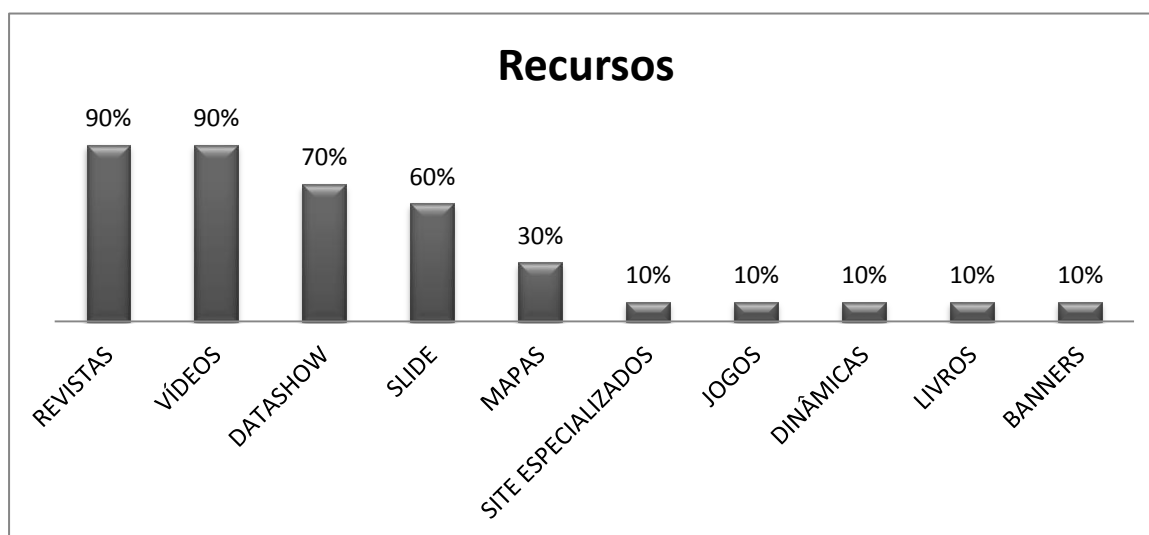
conhecimento científico com a realidade é de extrema importância para os alunos exponha os seus saberes prévios e além do mais contribui com a formação do aluno enquanto cidadão, desenvolvendo suas capacidades de entender e agir no mundo que vive. Por esse motivo, Rodrigues et al. (2014, p.6) relatam “isso significa que ao ensinar Geografia o docente deve levar em conta o conhecimento de mundo que a criança já traz e o espaço em que ela esta inserida, dando uma atenção a sua realidade”.

Questão 4. Quais recursos favorecem a aprendizagem no ensino de Geografia?

Essa questão tinha de caráter mista por possuir uma opção aberta para os professores adicionar outros recursos de seu conhecimento. O método de utilizar alguns instrumentos no processo de aprendizagem tem por objetivo central favorecer a apreensão do aluno e muitos deles foram elaborados com fins educativos. A esse respeito Falavigna (2009, p.83) “o uso de meios e recursos didáticos variados como alternativas criativas dos professores na apresentação e desenvolvimento de determinados temas em sala de aula instigar aos alunos participarem das aulas”.

Abaixo, o gráfico 2 apresenta as opções assinaladas pelos professores, de acordo com os recursos que favorecem o ensino de Geografia.

Gráfico 2- Recursos que favorecem a aprendizagem do ensino de Geografia



Fonte: Dados da pesquisa

Das opções fornecidas no questionário os professores assinalaram todas e acrescentaram sites especializados, jogos, dinâmicas, mapas, livros e banners. A revista foi

um dos recursos mais assinalados, pois ele é um material impresso de fácil acesso e proporciona uma leitura da realidade com diversas informações através de imagens e textos. E no ensino de Geografia as notícias contidas não precisam ser novas, pois até informações antigas pode auxiliar para compreender a atualidade. Uma das possibilidades de se trabalhar com a revista em sala de aula, por exemplo, com o conteúdo “população” para os alunos do 5º ano do ensino fundamental os alunos podem fazer recortes e colagens de vários tipos, com o objetivo de conhecê-los.

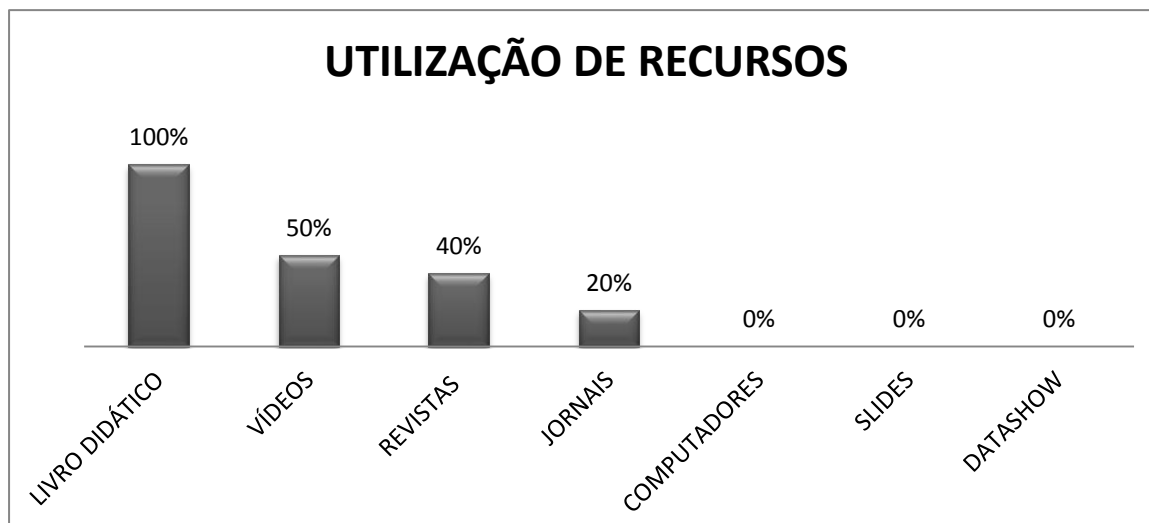
Outro material escolhido foram os vídeos, e esses por sua vez são um excelente recurso para chamar atenção do aluno, principalmente no ensino de Geografia, que fornece o mundo externo e a internet como fonte ajudando na proliferação de vários vídeos explicativos. Esse recurso pode ser utilizado, por exemplo, para trabalhar com os alunos do 5º ano para identificarem as regiões brasileiras. Só é preciso ter cuidado na escolha, pois não são aconselhados vídeos longos que pode ficar cansativo e os alunos perderem o foco. Falando em recursos audiovisuais, um dos professores optou por sites especializados como ferramenta facilitadora no ensino de Geografia, como exemplos, são www.sogeografia.com.br, www.guiageo.com e etc. Essa busca de informações nestes sites pode ser feito com auxílio do professor ou pesquisa realizada em casa. Os mapas são um dos recursos de suma importância na Geografia e um dos instrumentos indispensáveis, que possibilita aos alunos sua localização e compreender os limites de área.

Questão 5. Qual sua opinião sobre o livro didático para o ensino de Geografia?

Todos responderam ser muito importante o livro como recurso pedagógico. Ele também foi o mais escolhido pelos professores como o mais utilizado em sala de aula, voltado para o ensino de Geografia. Digo como o instrumento mais popularizado nos espaços escolares ele tornasse um poderoso instrumento de mediação e tem que ser usado com muito cuidado para não desvincular a aprendizagem.

Questão 6. Quais os recursos mais utilizados por você em sala de aula, voltado para o ensino de Geografia?

Diante dessa questão eles responderam como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 3- Utilização dos recursos utilizados em sala de aula no ensino de Geografia

Fonte: Dados da pesquisa

Essa alternativa favoreceu como ferramenta de comparação da quarta questão, onde os sujeitos opinaram sobre os recursos que favorecem a aprendizagem no ensino de Geografia. Como o livro didático que somente dois sujeitos optaram como facilitador, mas como recurso utilizado em sala, todos responderam como a primeira opção. Na verdade essa resposta não é tão surpreendente, o uso do livro é essencial na sala de aula, contudo o professor deve vê-lo como um apoio à aprendizagem e não usá-lo como única opção de recurso e muito menos como fonte da “verdade” onde as respostas são definidas e acabadas, deixando o aluno limitado e sem respeitar sua criticidade.

Dos nove que responderam que os vídeos favorecem a aprendizagem, somente cinco falaram que os utilizam em sala de aula. Com a mesma proporção parecida foi a revista. Agora, o recurso Datashow que foi bastante assinalado como facilitador da aprendizagem não obteve resposta de nenhum dos sujeitos, como também podemos observar que eles não usam o computador e o slide em sala. Porém, o jornal foi assinalado por dois. Esse material é semelhante à revista, pois também é um meio de comunicação fácil de encontrar e leva a compreensão da realidade, associando com o cotidiano do aluno.

Questão 7. Em sua opinião, as atividades extraclasse são importantes para o ensino e aprendizado dos alunos?

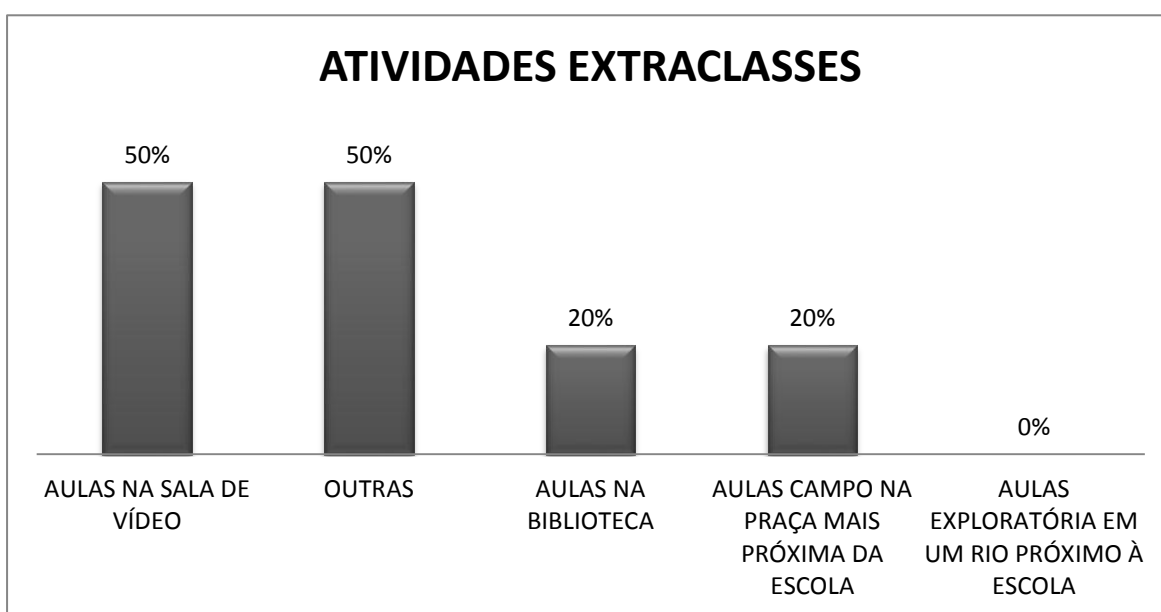
E todos responderam que sim, é importante utilizar as atividades extraclasse e essas são excelentes ferramentas como junção de diversas disciplinas, é preciso somente um bom

planejamento dos professores envolvidos para executá-lo com êxito. Os alunos gostam muito dessas atividades, pois é algo novo e lúdico.

Questão 8. Quais as atividades extraclasse são utilizadas, em sua prática educativa, para melhorar a qualidade do ensino de Geografia?

A seguir, o gráfico com as alternativas de atividades extraclasse que os docentes utilizam em sua prática educativa, para melhorar a qualidade do ensino de Geografia.

Gráfico 4- Atividades extraclasse utilizadas no ensino de Geografia



Fonte: Dados da pesquisa

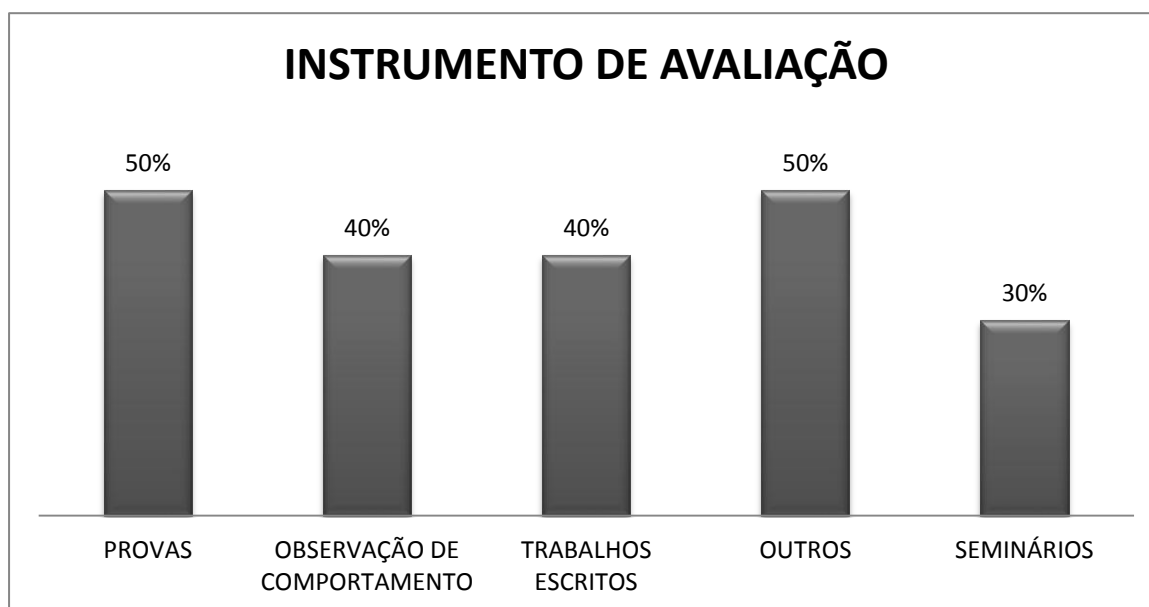
Dentro das quatro alternativas presentes no questionário sete professores responderam uma das opções, duas acrescentaram outras atividades (passeio no Parque botânico e aulas exploratórias no espaço escolar), e somente um não faz uso das atividades extraclasse em sua sala de aula. Essas atividades são importantes e estimular o aluno aprender, porém como vimos na pesquisa é um recurso pouco usado na escola.

Questão 9. Como se dá o processo avaliativo, para o ensino de Geografia?

Nesta questão os professores foram bastante expressivos e marcaram uma ou mais alternativas e/ ou acrescentaram mais, como relatórios orais, atividades xerografadas, produções de cartazes e maquetes e atividades de participação das aulas.

A seguir, o gráfico representa as respostas dos professores sobre os instrumentos avaliativos.

Gráfico 5- Instrumento de avaliação no ensino de Geografia



Fonte: Dados da pesquisa

Um dos papéis do educador é a construção da avaliação e podemos dizer que não é uma tarefa fácil de construir, pois para isso o profissional da educação tem que estar empenhado e com um bom planejamento para uma adequada avaliação. E essa avaliação não é somente direcionada para o aluno, ela envolve o comprometimento do docente e de todos os participantes da educação, como também deve ser um processo educativo frequente durante todo o ano letivo. Com essas respostas, podemos observar que há diversos instrumentos como suporte avaliativo da aprendizagem usado nesta escola e esses tem que fornecer aspectos em que os alunos sintam-se capazes de refletir e formar uma criticidade em relação ao mundo em que está inserido, pois avaliar não pode ser somente com o intuito de colocar nota em caderneta e estipular conceitos sobre o aluno. Principalmente no ensino de Geografia, onde as respostas não são prontas, o aluno tem e deve expor sua opinião. E um dos recursos que os professores assinalaram como seminários, participação das aulas, relatórios orais e produções de cartazes e maquetes favorece a participação dos alunos em sala de aula e deixam-nos livres para expressar suas capacidades o que na avaliação tradicional não é permitido. Como exemplo, uma avaliação onde os alunos usem máscaras (construídas por eles) para conhecer e compreender os diferentes povos retratando seus costumes, danças, clima e dentre outros.

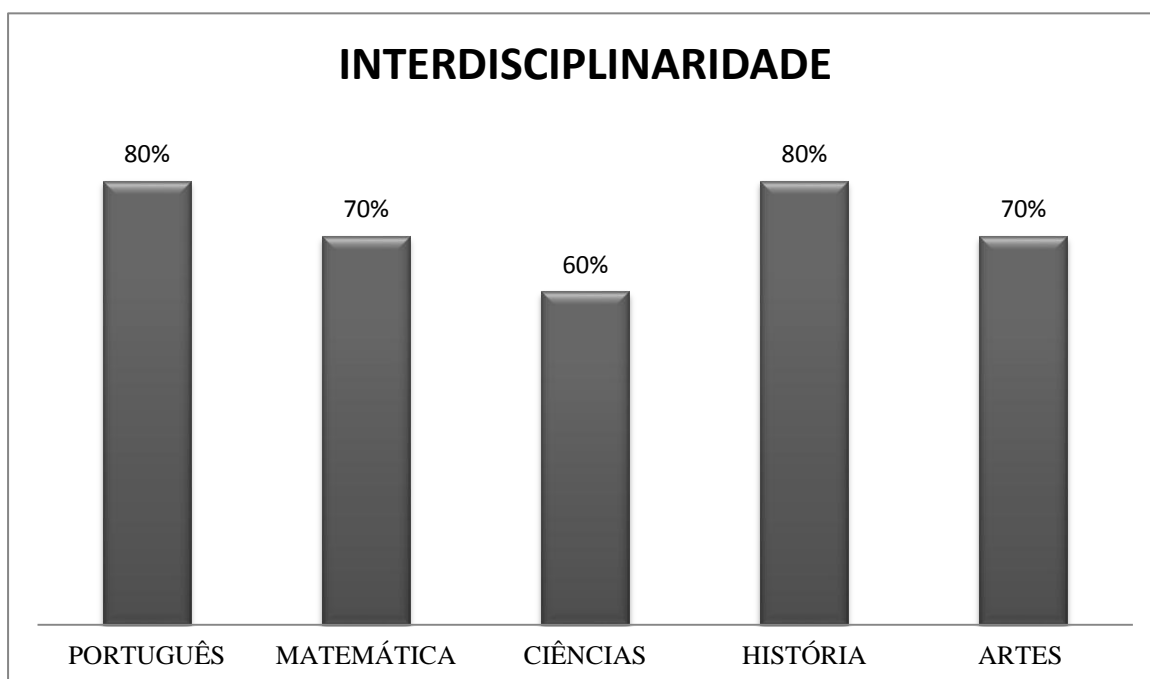
Essa experiência utiliza o aluno como sujeito da aprendizagem e instiga entusiasmo em buscar do conhecimento e deixando de lado uma visão de disciplina de memorização, o que nas provas escritas deixa evidente esse argumento.

Questão 10. Ocorre a interdisciplinaridade com outras disciplinas?

Outra excelente maneira de introduzir os conteúdos de Geografia nas aulas é por meio de outras disciplinas. E todos responderam que ocorre a interdisciplinaridade e apontaram em quais disciplinas que ocorre.

A seguir, o gráfico demonstrando as respostas dos professores.

Gráfico 6- Interdisciplinaridade no ensino de Geografia



Fonte: Dados da pesquisa

Esse gráfico relata que todos os professores marcaram alguma das alternativas e alguns marcaram mais de uma disciplina. O importante não é tanto com que disciplina ocorre, o essencial é saber se ocorre, pois como foi dito a interdisciplinaridade auxilia no processo de aprendizagem e principalmente nos anos de alfabetização, onde os textos de Geografia podem favorecer na leitura e também o uso de imagens com mapas, climas, vegetações de um determinado lugar, e pode ser ferramenta para aguçar escrita do aluno.

4 CONCLUSÃO

Nesse trabalho apontamos a importância do ensino da Geografia nos anos iniciais no Ensino Fundamental e como os usos dos recursos podem auxiliar na alfabetização dos alunos. Conclui-se que a Geografia remete a uma noção de disciplina nova para esses alunos e que está sempre em movimento, se reinventando, além de favorecer diversos instrumentos que propiciam esse processo de ensino-aprendizagem. Cabe ao professor vencer o tradicionalismo que ainda é muito presente na sua atuação e utilizar as diversas mídias, ferramentas integradas à educação, como também os mais variados meios de comunicação, tais como Rádio, TV, Material impresso, Internet, chat, correio eletrônico, buscando incentivar a participação dos alunos de forma colaborativa, tanto síncrona como assíncrona.

Como vimos, o cenário educacional apresenta uma vasta disponibilidade de recursos e ferramentas, porém é preciso um apoio maior com uma equipe multidisciplinar, com técnicos, boa infraestrutura, planejamento, para atender simultaneamente a diversidade de alunos, além do material didático-pedagógico que propicie uma aprendizagem autônoma e segura. Ou seja, é de suma importância a atuação do professor juntamente com o apoio da família, da equipe e a utilização dos materiais pedagógicos.

O docente é a chave principal no processo do ensino-aprendizagem, pois atua como mediador do conhecimento e precisa embalar suas aulas com contribuições relevantes e tornando sua prática constante e significativa. E para isso precisa sempre se atualizar, numa perspectiva de um trabalho eficaz e de responsabilidade, principalmente em relação ao ensino de aprendentes que possuem diferentes especificidades. No ensino de Geografia não é interessante transmitir apenas conhecimentos prontos, onde o aluno decora os conteúdos e “despeja” nas provas, é preciso que o professor tenha uma visão interdisciplinar e leve em consideração o conhecimento que o aluno já tem, interligando com o seu cotidiano.

Enfim, a educação é algo sempre em movimento e o professor como parte integrante dela precisa estar sempre atualizado e aberto para novas propostas de ensino. Trazendo assim novas perspectivas para sala de aula e rompendo barreiras com o tradicionalismo. Tem que elaborar aulas nas quais o aluno seja o próprio sujeito do seu conhecimento, fazendo conexão com sua realidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CEB n. 04/98, de 29 de janeiro de 1998. Institui as diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 30 jan. 1998.

BRASIL. Resolução CNE/CP 1/2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 de maio de 2006.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia/** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.166p.

CAVALCANTI, L. S. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos**: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. In: Educação geográfica e as teorias de aprendizagens. Cadernos Cedes, nº 66, Campinas, SP: 2005. p. 185-207

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados. 1998. P.45.

FALAVIGNA, Gladis. **Inovações centradas nas multimídias repercussões no processo ensino aprendizagem**. Porto Alegre. 2009.

FAZENDA, Ivani **Que é interdisciplinaridade?** Ivani Fazenda (org.). São Paulo: Cortez, 2008.

FONSECA e col. **Projeto de Ensino Fundamental de Educação de Jovens e Adultos**: desafios e possibilidades na adoção de perspectiva transdisciplinar. In: Anais do O Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

GERHARDT, T.E., SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JULIA, Dominique. 2001. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MÉNDEZ. J. M. A. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Tradução Magna Schwartzaupt Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NASCIMENTO, P. V. B. do. **Avaliação qualitativa no ensino de Geografia nas séries/ciclos iniciais do ensino fundamental de Uberaba-MG (1970-2004).**Uberlândia: UFU, 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2005.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: _____. (Org.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p.15-33.

OLIVEIRA, A. U. **Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira**. In: OLIVEIRA, A. U. et al (Org.). Para onde vai o ensino de Geografia?.8. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 135-144.

PIMENTA, Selma Garrido, (org.). **Formação de Professores: identidade e saberes da docência**. In. *Saberes Pedagógicos e Atividade Docente*. São Paulo: Cortez, 2002, pp. 15-34.

_____, S. G. Sobre a Implantação dos Parâmetros Curriculares da SEESP. In: DOCUMENTOS: proposta curricular do Estado de São Paulo: uma leitura crítica. São Paulo: APEOESP, APASE e CPP. p.14, 2008.0

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Convergências e tensões na formação de professores de Geografia: a formação inicial do professor – debates. *Revista Olhar de professor*, Ponta Grossa, 13(1): 37-46, 2010. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/3192/2331>. Acesso em nov/2016.

REGO, N. et al. **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

RODRIGUES, J.O., LIMA, B.A,FERREIRA, G.C., e BENTO, M.I. (2014). Publicação de artigos científicos. **A importância do ensino da geografia e o uso das tecnologias nas séries iniciais** In: CONGRESSO NORTE-MINEIRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO; UNIVERSIDADE HISTÓRIA E MEMÓRIA, 6., 2014, Minas Gerais *Anais...* Minas Gerais, 25 a 27 de Agosto.

SILVA & MELO. **Didáticos, Recursos Didáticos e o Ensino da Geografia**. In: Anais ... In Encontro Nacional dos Grupos PET de Geografia. 2006, UFU, Uberlândia. 12 a 15 de Setembro

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.